



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

HORMÔNIOS EFERVESCENTES DA ADOLESCÊNCIA-ADULTA  
DIANTE DE “*UNS BRAÇOS*”:  
Aspectos teológico-doutrinários do pecado nesse conto de Machado de Assis

Maurício Barbosa Nunes

114161178

Rio de Janeiro

2023

MAURÍCIO BARBOSA NUNES

HORMÔNIOS EFERVESCENTES DA ADOLESCÊNCIA-ADULTA

DIANTE DE “*UNS BRAÇOS*”:

Aspectos teológico-doutrinários do pecado nesse conto de Machado de Assis

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lucia Guimarães de Faria

RIO DE JANEIRO

2023

N972h NUNES, MAURÍCIO BARBOSA  
Hormônios efervescentes da adolescência-adulta  
diante de "Uns braços" - Aspectos teológico  
doutrinários do pecado nesse conto de Machado de  
Assis / MAURÍCIO BARBOSA NUNES. -- Rio de Janeiro,  
2023.  
39 f.

Orientadora: Maria Lucia Guimarães de Faria.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Inglês, 2023.

1. Pecado. 2. Religiosidade. 3. Teológicas e  
seculares. 4. Análise comparativa. 5. Literatura  
brasileira. I. de Faria, Maria Lucia Guimarães,  
orient. II. Título.

*A Deus, sempre, em primeiro lugar.*

*Aos meus queridos pais Luiz e Zilda, todos os 7 irmãos com as extensões familiares, à minha querida esposa Izaura e nossos filhos Mariane (e Pedro Lacerda) e Leandro, e à minha sogra Eny, aos quais tanto admiro como fontes de inspiração.*

## AGRADECIMENTOS

Não cresci pensando nos aspectos pecaminosos que a vida nos oferta. Cresci no meio de uma família grande para os padrões atuais. Luiz e Zilda, meus pais, sem as devidas instruções escolares, impedidas pelo contexto de vida e trabalho, nunca deixaram de incentivar os filhos a estudarem, sob severas penas de não gozarmos das brincadeiras infantis com os amigos de rua. Não imaginava assim, mas as penas eram como castigos pelo pecado do não-estudo! Tudo isso valeu a pena!

Meus irmãos de sangue, cada um com suas características, embalavam minha vida de caçula a olhá-los como verdadeiros ídolos, sem conotação teológica. E os embalos desde a irmã primogênita, até chegar a mim, eram regrados de boa literatura e boa música; coisas que à época da minha infância, não eram tão valorizadas, principalmente nos rincões periféricos de duas cidades, bem religiosas, do interior de Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha, Diamantina e Gouveia. Pareciam lugares de castigos, mas meus irmãos souberam transformá-los pra mim, como que um resgatado de um purgatório.

À família constituída aqui no Rio de Janeiro. À minha doce Izaura e aos filhos que nos vieram. Todos com marcas específicas a me incentivarem nas caminhadas de vida; plataformas vivas para o doce exercício da fé. À D. Eny pelas investidas não muito ortodoxas em me apresentar a fé cristã protestante. A ilustre fala aos domingos quando da volta da Igreja sem a minha companhia: “Perdeste um ponto comigo!” Tinha tudo para dar errado, ainda mais vindo de uma sogra! Mas, diferentemente do pecado que nos direciona para longe de Deus, esse mesmo Deus usa de estranhos meios para nos fazer perto.

A cada irmão e irmã em Cristo das Igrejas por onde passo, notadamente, aos da Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara, na Ilha do Governador, onde servimos juntos ao Senhor da vida, das artes, das ciências e, especialmente, para mim, das literaturas. Um apreço ao Conselho dessa Igreja, capitaneado pelo Rev. Wladimir Soares de Brito, pela compreensão dos irmãos que o compõem, a incentivar, com palavras e gestos, a caminhada da Igreja nos estudos ditos ‘seculares’, além da própria Palavra de Deus. Também, a cada um de todos que, mesmo sem palavras, no silêncio de suas preces, oraram e oram pela minha vida. Um alívio de um regenerado das agruras do pecado, estar no meio de tanta gente boa.

À UFRJ, aos meus colegas das diversas formações de turma que compus no campus, presencialmente, e online nos tempos de pandemia. Aos professores que tive em cada uma dessas turmas e, igualmente, os do período do estágio no CAP-UFRJ. Aos companheiros do projeto da Revista Intransitiva. Ao abraço de acolhimento que recebi de cada um nessa caminhada que, apesar do descompasso da idade, minha e deles, a estar assentados nos bancos de graduação, me trataram como um igual. Ao querido Professor Dr. Fred Góes que, num comentário seu sobre uma apresentação minha a um trabalho requerido em sua cadeira de Teoria Literária II, motivou a construção deste. Às queridas Larissa Cury, colega de uma das turmas, e Prof. Dra. Michela Candia, pela grandiosa indicação para orientação deste trabalho. De maneira alguma a Faculdade de Letras é um lugar de ‘pagar pecados’!

À Maluh! Um orientando tratado por ela de maneira como pessoas de longo convívio de amizade fazem. Seus retornos aos textos incipientes foram muito mais do que, simplesmente, uma *expert* no assunto faria. Docilidade, eu diria. O título de Doutora que, em algumas situações, coloca seus detentores em patamares distintos dos reles mortais, de duas uma: ou ela me levou para esse lugar alto, ou ela desceu ao meu. O que dizer dessa curta convivência!? Não me atrevo a dizer que é o Paraíso, pois lá, não acredito ter comparativos suficientes aqui na Terra. Ah!, mas que é um bom arremedo de lá... isso é! Se o famigerado TCC é tido como um pecado a ser pago em forma de escrita, sob a batuta da Maluh, há tremenda absolvição!

A Deus, o Pai, como o Supremo capacitador das gentes. Aquele a quem dedico meu viver e tudo o que vivo a escrever. A Ele, que acima de todas as coisas, oferta a vida. A Deus, o Cristo, meu Salvador e resgatador do pecado. A Deus, o Espírito, meu incentivador a seguir uma vida de bem, longe do erro.

## RESUMO

A presente monografia tem como objetivo tratar de questões de análise comparativa que envolvem a literatura brasileira machadiana e as diversas situações que são vividas ao redor do que se entende por pecado. A trajetória de vida que tive desde a infância, cercada por religiosidade, bem pode ter sido um bom combustível para que isso fosse posto na forma deste trabalho; algo que ficou incubado até ser afluído nos bancos da UFRJ. Numa saborosa mistura de literaturas teológicas e seculares, pude perceber que, nas entrelinhas do que o célebre Machado de Assis escreve, há uma dose sutil de sentimentos pecaminosos. Nesse viés, tomei como ponto basilar o conto “Uns braços”. Uma boa e marcante linha divisória entre o escritor e o narrador da trama conduz grande parte deste trabalho; para não dizer dele todo. Nele enfatizo como o processo narrativo induz o pensamento dos leitores a imaginarem e até apoiarem atos que, sem a sagacidade desse estilo apimentado de narração, ficariam somente na leitura superficial do texto.

**Palavras-chave:** Pecado; Religiosidade; Teológicas e Seculares; Análise Comparativa; Literatura Brasileira.

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
2.	<b>REALIDADE CRUA</b> .....	<b>12</b>
3.	<b>SONHOS ÍNTIMOS</b> .....	<b>17</b>
4.	<b>REALIDADE X SONHO</b> .....	<b>27</b>
5.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>35</b>
6.	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>37</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Quando urdi um pensamento *teológico* – termo que, muitas vezes, é embolado com *religião*, como um novelo tido como brinquedo nas mãos de uma criança – aos escritos do gênio Machado de Assis, foi porque facilmente pude perceber que muito de sua extensa obra tangencia e tange esse aspecto. Não por mero acaso, mas pelo fato de entender que na cultura desse mestre da escrita havia um espaço para que esse assunto fosse pensado e desenvolvido, dando aos seus leitores e leitoras, ainda que nas entrelinhas, respaldo para que pensassem assim.

Apesar da distância temporal entre mim, que escrevo a vocês neste trabalho, e Machado, saliento minha primeira formação acadêmica, que permeia o assunto em tela de maneira bem instigante, fazendo com que as épocas se sobreponham. Nessa caminhada até aqui, saí dos bancos comuns às Igrejas barrocas de Minas Gerais, passando a ocupar o lugar onde a Palavra de Deus é anunciada. Graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton (2005), no Rio de Janeiro – RJ, e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012) em São Paulo – SP, há 15 anos exerço pastorado na Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro, na Ilha do Governador, região que se avizinha a essa insigne UFRJ. Diante disso, digo, ainda, que a mistura entre uma leitura e pesquisa teológica e outra secular faz com que elas se intercambiem saudavelmente, derrubando um muro divisor imposto (para não dizer impostor) que, penso, não deveria existir.

Na leitura específica do conto é notória a magistral arte de Machado em colocar-se como um narrador onipresente, porém, incorpóreo. Isso faz com que se permita ao leitor estar a par de tudo o que acontece, notadamente, na mente dos dois personagens principais. Mas não só isso: o perspicaz narrador incute na mente dos leitores não somente o saber das situações. Ele disponibiliza, à custa de tentadora leitura voraz, o desejo, meio que desenfreado, de participar da trama como um torcedor fanático às espiadelas, à curiosidade, à intromissão nas intimidades alheias, até ao ponto de chegar-se à inquietante tentação fantasiosa da malícia do pecado a ser consumado. Não é de se assustar se formos pegos na torcida a favor e contra ao mesmo tempo. São temperos agri doces; um combate constante entre o pecado e a questão moral, coisas presentes na mente humana.

Para começo de conversa, um fato curioso é que, sem muito rebuscar, destaco algumas obras de Machado de Assis, que podem ser entendidas com o viés do pecado embutido nelas; algumas, inclusive, já desde os seus títulos. “*Esau e Jacó*”, “*Dom Casmurro*”, “*A missa do galo*”, “*A igreja do diabo*”, “*O espelho (Esboço de uma Nova Teoria da Alma Humana)*”, “*A*

*Cartomante*” e *“Uns Braços”*, o carro-chefe deste trabalho. Isso sem falar nas inúmeras referências geográficas usadas por ele sobre o Rio de Janeiro de sua época, com suas igrejas espalhadas pela cidade em várias de suas esquinas.

Um apoio para esse elã se deu pelo fato de ler em Douglas Rodrigues da Conceição (2016) que, nas prateleiras de Machado lotadas de livros, dentre tantas obras, uma se destacava: um exemplar da *Bíblia Sagrada* figurava no meio de tantas outras literaturas. Como frisou Conceição, na parte em que trata dos horizontes da religião em Machado de Assis, “entre tantos outros clássicos [...], sob o número 78, tal como recenseou Massa (1961: 206), encontrava-se um volume da Bíblia”. E ainda emenda, como que num lampejo de surpresa que sempre acomete os pesquisadores: “Machado leitor da Bíblia! Sem dúvida!”

Não quero, de forma alguma, pormenorizar as inclinações religiosas de Machado, por não se tratar especificamente disso neste trabalho. O que pretendo destacar, sem prejuízo de se ter maiores detalhes dessa informação, é justamente o uso que ele faz do aspecto religioso em suas obras. Pio ou não, é inegável que culturalmente ele vivesse imerso num ambiente da cultura católico-romana, tão presente na cidade de *São Sebastião* do Rio de Janeiro.

Com isso, partamos para o desenvolvimento desses aspectos teológico-doutrinários do pecado em uma parte mínima de sua vasta obra. Antes, porém, sem querer duvidar da capacidade interpretativa dos leitores deste trabalho, faço uma brevíssima explicação sobre os *hormônios efervescentes da adolescência-adulta*, que o intitula.

Muito se ouve falar da efervescência dos hormônios que ataca a idade daqueles e daquelas que deixaram, há pouco, a fase de criança. Perceberemos isso, diretamente, no comportamento, ainda que incubado, do adolescente Inácio. Entretanto, apesar desse jeito velado, a narrativa irá descortinar as imaginações desse personagem. De outra forma, veremos que, não obstante D. Severina ser uma mulher adulta, algumas de suas vontades parecem brotar de uma mente recém-entrada na adolescência. Não seria, de maneira alguma, uma mulher adulta que age como uma adolescente, mas traços de uma adolescência na mente de uma mulher adulta. São pensamentos banhados pelo saudosismo de uma época abreviada, talvez. Ataulfo Alves põe em palavras musicadas um resvalo do que pretendo que seja entendido, quando ele canta a saudade de sua cidade, pontuando a falta que sente da sua professorinha e de Mariazinha, o seu primeiro amor nos seus tempos idos de criança (<https://www.youtube.com/watch?v=WhPDqMwbps0>).

Quero salientar, ainda, que não é intenção minha que esse assunto se encontre esgotado neste trabalho; até porque não conseguiria fazê-lo, mesmo com hercúleos esforços. E tanto isso

é fato que nem me atrevi a colocar qualquer artigo a iniciar o subtítulo deste. Mas, ao contrário, espero que seja fomentador de outras pesquisas acerca desse tema.

## 2. REALIDADE CRUA

Estremecedor o início do conto “Uns braços” de Machado de Assis. “Inácio estremeceu, ouvindo os gritos do solicitador [...]” (p. 77). Não há uma ambientação ou detalhes do lugar. Começa como que não tendo, propriamente, uma introdução. A abertura é logo um destempero de palavrórios de um *solicitador* ditos a esse tal *Inácio*. Ao longo dos primeiros parágrafos é que vamos sendo apresentados, aos poucos, ao desenrolar da história, até ao que veio a ser esse início, e ao que veio a seguir.

Em “Uns braços”, fico a imaginar junto à vociferação do solicitador Borges, seus braços em movimentos bruscos; talvez, mangas arregaçadas após um dia de trabalho, com a companhia do menino Inácio. Pelos nos braços?!, quem sabe, a temperar, de modo amargo, aquele momento de refeição. Não fossem os pés de D. Severina a tocar os dele sob a mesa e aquele falatório duraria mais do que algum tempo a mais.

Uma curiosidade que ronda o nome desse solicitador é seu significado, que, de acordo com o *Dicionário de Nomes Próprios*, bem combina com esse homem que nos é apresentado com esse *belo* cartão de visitas. *Borges* de *Borja*, na região de Saragoça, na Península Ibérica da Espanha. “O nome Borja, por sua vez, se originou a partir da palavra árabe “*burdz*”, que significa “**torre**”, devido ao fato de a cidade ser rodeada por altas torres de observação. Lembremos que a região ibérica foi território árabe e muçulmano durante muitos anos [...]” (<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/borges/#:~:text=Borges%3A%20Significa%20%22a%20torre%22,Borja%2C%20na%20regi%C3%A3o%20da%20Sarago%C3%A7a.>).

Já os braços delgados do menino, provavelmente, deveriam estar colados ao corpo, como que num misto de acanhamento, medo e defesa. Era Inácio fechando-se em si mesmo como se ele se sentisse o menor e mais desvalido dos seres. Seus braços só foram esticados na direção do recebimento do prato de comida das próprias mãos daquele que o ofendia como “malandro, cabeça de vento, estúpido, maluco”, e que em sua suposição bem merecia apanhar com “uma boa vara de marmelo, ou um pau” (p. 77) para tirar-lhe a preguiça do corpo.

Já os braços dessa D. Severina... esses eram diferentes; encantadores, roliços, desnudados “a meio palmo abaixo do ombro” (p. 79); prato cheio para atrair olhares que aguçavam a mente. Sobretudo, a mente, o local de incubação dos pecados a serem postos em prática, ou a serem guardados até sabe-se lá quando, ou ainda, ali escondidos do público em geral; não de Deus que “esquadrinha o coração e os pensamentos” da gente, conforme lemos em *Jeremias* 17.10 (Conferir com: Salmo 139.3; 1Crônicas 28.9). Ou, mais, como temos no texto de *Eclesiastes* 12.14 que diz que “Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que

estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más”. E Machado devia conhecer essas passagens. Só não tenho certeza se seus personagens eram dotados desses entendimentos teológicos, uma vez que exemplares da Bíblia, a Palavra de Deus, não eram comuns de serem manuseados e estudados, diretamente, pelo povo. Raras as pessoas que contavam com esse artigo de luxo em suas casas. Entretanto, um exemplar compunha a estante desse escritor incomum. Seus personagens, no entanto, talvez, como a maioria laica da época, somente sentissem as vontades e as inquietações, tabus e permissões que a cultura católico-romana daquele tempo emprestava ao conhecimento popular, acerca da doutrina do pecado; suas implicações e condenações.

No próprio comentário do narrador, após a fala ardorosa de Borges que, não satisfeito ainda, faz de D. Severina local de ricocheteio de sua artilharia direcionada ao menino acuado, podemos notar algo interessante. “– Olhe que lá fora é isso mesmo que você vê aqui, continuou, *voltando-se para D. Severina, senhora que vivia com ele maritalmente, há anos*” (p. 78) (grifo meu). Interessante notar que nesse pequeno trecho que destaquei em itálico – a explicação do narrador da trama, quando D. Severina é apresentada aos leitores – *senhora que vivia com ele maritalmente, há anos* –, bem poderia ser abreviada simplesmente por *sua esposa, sua mulher*, ou somente *sua senhora*, ou algo desse gênero. Mas, não! A bem da verdade, parece que Machado quis dar um destaque aos termos *senhora, maritalmente e há anos*.

Ao termo “senhora”, inclusive, Houaiss (2009) traz algumas definições como sendo da *esposa do senhor feudal* e da *esposa em relação ao marido*. A pensar na linguagem da época, se o “senhora” viesse acompanhado de *sua esposa* ou *mulher*, tudo ainda estaria bem, sem a necessidade de se olhar para as entrelinhas. Era muito comum, há algumas décadas, que as mulheres, quando esposas, fossem referidas como *a senhora sua mulher* ou *esposa*. Para a mulher, quando mãe do destinatário do interlocutor, também poderia ser aplicada a mesma regra; como num diálogo: “– *Como vai a senhora, sua mulher/esposa/mãe?*”. Mas, quando houve esse extenso complemento explicativo no texto, fui forçado a olhar com um pouco mais de atenção e malícia, dada pela provocação de composição deste trabalho. Então, logo pensei numa passagem bíblica bem conhecida e que, dentre outras, poderia ter inspirado, de alguma maneira, o autor. Trata-se do Evangelho de João, capítulo 4, que narra o encontro de Jesus com uma mulher samaritana à beira de um poço, modelo rústico dos poços artesanais atuais, que fornecia água às casas; coisa bem comum à época. Às mulheres era dada a tarefa de buscar água nos poços com seus cântaros. Em determinada parte da conversa entre os dois (versículos 16-18), Jesus diz à mulher:

16 Vai, chama teu marido e vem cá;  
 17 ao que lhe respondeu a mulher: Não tenho marido. Replicou-lhe Jesus:  
 Bem disseste, não tenho marido;  
 18 porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido  
 (grifo meu).

A parte destacada no texto acima aponta para uma situação vexaminosa à época da narrativa bíblica.

Também, não podemos deixar de assinalar que as mulheres que não eram legalmente casadas e com a bênção da Igreja Católica Apostólica Romana na época machadiana gozavam de similar *condenação* do público em geral. Eram mal faladas nas rodas de conversa e nos encontros sociais, dos quais, raramente, ou nunca, participavam. Na vizinhança, a casa em que habitavam era alvo de olhares esquívos ou condenatórios; quando não, pior dos casos, era alvo de objetos lançados até suas paredes, telhados ou quintal. Isso, quando não eram expostas aos xingamentos e aos caçoares das crianças incentivadas a tais. A refletir sobre esse comentário, veio-me à memória uma composição de Chico Buarque de Holanda que fala de Geni (*Geni e o Zepelim*), uma mulher difamada por todos e que sofria com as maiores humilhações no início e no final da história cantada. E, apesar de no meio da canção Geni ser tida como a salvadora daquela cidade, a pecha que a perseguia jamais lhe daria qualquer trégua na vida (<https://www.youtube.com/watch?v=jsB--twZgng>).

Sem contar, também, que, na comunidade eclesiástica, eram, a mulher sem matrimônio e o companheiro, impedidos de participar do Sacramento da Eucaristia; ou seja, não tomavam parte da comunhão da Hóstia Consagrada, um Sacramento, para essa Igreja, cantado, até, numa interpretação de Milton Nascimento para a música *Cálix Bento*, adaptação para a folclórica *Folia de Reis* ([https://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p2s2cap1\\_1210-1419\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p2s2cap1_1210-1419_po.html) e <https://www.youtube.com/watch?v=OTjh8rnNfbk>). Essa decisão impeditiva, inclusive, vigora até os dias atuais, conforme ouvimos num áudio da Rádio Aparecida com a pergunta de uma ouvinte que foi ao ar no dia 27 de julho de 2021, consultando o porquê de não poder participar da comunhão (<https://www.a12.com/radio/noticias/por-que-as-pessoas-amasiadas-nao-podem-comungar>). Ela vive *amasiada* – esse é o termo usado – com seu companheiro. Machado usou, justamente, seu sinônimo: *maritalmente*. Ao contrário dessa ouvinte da rádio, seu companheiro não quer se casar, apesar de já terem dois filhos desse relacionamento. A esse caso o Padre Carlinhos responde que “o impedimento da comunhão eucarística para casais amasiados vai muito além de uma mera questão normativa, mas é uma realidade evangélica que tem como fio condutor o princípio da indissolubilidade matrimonial

e a unidade”. Digno de nota é o fato de *uma* ouvinte revelar seu caso em público, ainda que pelo rádio/Internet nos dias atuais; uma *voz* feminina, a parte *mais fraca* (!) de um relacionamento desses, numa sociedade ainda marcada pelo patriarcalismo.

À época de Machado, é bem provável esperar o querer esconder-se ao máximo de qualquer tipo de exposição; a não ser por estrita necessidade. Isso, sem nos esquecermos de que o narrador ainda enfatiza a situação amasiada de D. Severina com um *há anos*. Não era um início de relacionamento; um namoro, um noivado, uma promessa. Era um caso bem notório na vizinhança do solicitador Borges. E como os antigos diziam, um caso que “não ata e nem desata”. Ficava numa *corda bamba*, num *em cima do muro* sem fim. Talvez, o querer de D. Severina não fosse o mesmo de Borges. No entanto, naquele tempo, a *voz* reinante e determinante era a masculina. E, apesar das implicações eclesiásticas, o *ele* ainda podia sair às ruas, ser um solicitador, tratar com o público. Já *ela*, provavelmente, ficava reclusa aos afazeres domésticos, puindo seus vestidos de mangas longas (p. 79).

Passado o arroubo do solicitador e a apresentação suscinta e discreta de D. Severina até então, noutra parte que se segue no conto, o narrador machadiano diz que Borges, por fim, ficou “em paz com Deus e com os homens” depois ainda “espeitorou (*sic*) alguns impróprios” (p. 78) ao menino. Estar ou ficar em paz com Deus parece ser uma coisa bem tranquila. Referenciando Deus, o Apóstolo Paulo, ao escrever suas Epístolas, no início delas notadamente, mas não somente aí, ele apõe as bênçãos de saudação usando o termo “paz de Deus”, constantemente, como escrevendo, por exemplo, aos Efésios capítulo 1º versículo 2, onde lemos expressões como: “que a graça seja a vós outros *e paz*, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (*Filipenses* 4.7; *Romanos* 15.33; 5.1; *2 Tessalonicenses* 1.2; *2 Coríntios* 13.11; *Filemon* 1.3, dentre outros). Já com relação a se ter paz com os homens, a situação é um tanto quanto alterada; não parece ser tão tranquila assim de se perceber no dia a dia.

Inclusive, o mesmo Apóstolo Paulo diz de um esforço que as pessoas devem ter para que vivam em paz umas com as outras. Dessa forma, lemos em *Romanos* capítulo 12 versículo 18 que “[...] se possível, *quanto depender de vós*, tende paz com todos os homens” (grifo meu); o que, sabemos, não é das tarefas mais fáceis, conforme dito acima. E o narrador de “Uns braços” alfineta mais uma vez um pensamento bíblico pelo fato de Borges ter ficado em paz *com os homens*; ou por extensão, acabaria por ficar em paz, também, com o menino após desafogar-se em insultos.

Se bem que, nesse ponto, o narrador machadiano inicia um outro parágrafo novamente colocando uma observação. Lemos que o solicitador Borges *não* ficou, exatamente, “em paz

com os meninos, porque o nosso Inácio não era propriamente menino. Tinha quinze anos feitos e bem feitos” (p. 78). O foco passa para o menino-moço. Para Inácio, parece não fazer sentido algum o fato de Jesus ter censurado seus discípulos que proibiam as crianças de chegarem perto dele; fato relatado nos 3 Evangelhos sinóticos (*Mateus* 19.14; *Marcos* 10.14; *Lucas* 18.16). Não creio que isso tenha passado despercebido à mente de Machado.



### 3. SONHOS ÍNTIMOS

O próprio narrador é quem desfia comentários sobre o ser e o estar do moço Inácio, dizendo de sua idade, do que vinha dentro de sua cabeça e do seu aspecto físico. E os elogios não são meramente superficiais, não! Com requinte malicioso, o narrador descreve o exterior e o interior do *menino*, notadamente com relação aos seus olhos. Esses, que “sonham”, que “adivinham”, que “indagam”, são os mesmos que vislumbram um quê a mais nos braços desnudos de D. Severina. É como se em seus olhos aflorassem seus próprios pensamentos, a ponto de estes serem colocados em prática. Na verdade, Inácio já estava na prática de seus delitos ocultos. O narrador nos informa que os olhos de Inácio já cortejavam os braços de D. Severina “no momento em que o terrível Borges o descompôs” (p. 78). Esse fato me lembra o que Jesus, no Sermão do Monte, aplica aos olhares humanos dizendo que “são os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas” (*Mateus 6.22-23*). Imagino que o narrador coloca o olhar ingênuo do menino – pois vejo essa ingenuidade nas entrelinhas – num lugar de trevas que não conseguimos vislumbrar; talvez, por pena do menino frente àqueles palavrórios.

E era-lhe “muito arriscado” manter o olhar para onde ele mais queria. No decorrer do trecho, e na página seguinte, ainda lemos que além dos braços, Inácio bem que já havia notado também o busto de D. Severina. Mas, “verdade é que seria agora muito arriscado” manter seu olhar onde mais gostaria. Tinha o solicitador como um austero vigia de seu comportamento. Não é viver, igualmente, como que tendo Deus como um vigia, no melhor da denotação desse termo, dado o entendimento de seu atributo onisciente. No entanto, lembrei de uma passagem bíblica que poderia ter fomentado, ainda que inconscientemente, essa observação posta no conto. “Os olhos de Deus estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons” (*Provérbios 15.3*).

Entretanto, eram aqueles braços que faziam o moço esquecer-se de tudo; “de si e de tudo” (p. 79). Não obstante lermos que os olhos de Inácio eram os protagonistas e agentes daqueles impulsos secretos e desejosos, de hormônios fervilhantes, típicos daquela idade, o narrador da trama, igualmente, é inquieto. Ele abre o próximo parágrafo falando da culpabilidade.

Minha visão estaria muito embotada se esse próximo trecho passasse despercebido a uma comparação com os dias atuais. Quanto já ouvimos falar, especificamente em casos de estupros de mulheres, que elas foram as culpadas pelo ocorrido, por conta da forma como

estavam vestidas ou de seus comportamentos provocativos?! “Também a culpa era antes de D. Severina em trazê-los assim nus, constantemente” (p. 79). Assumindo a voz corrente, o narrador machadiano imputa à amasiada D. Severina, a culpa de ter seus braços desejados pelo menino-*homem*. Adiantando um pouco do tempo machadiano, em 1988, podemos assistir a um filme que bem retrata o que ainda vivemos nestes quase um quarto de século dos anos 2000. Trata-se de *Acusados* ([https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Accused\\_\(1988\\_film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Accused_(1988_film))), um filme fartamente premiado, dando, inclusive à sua protagonista, Jodie Foster, o *Oscar* de melhor atriz. Nele, a personagem Sarah Tobias – vivida por Foster –, uma jovem garçonete, é violentada sexualmente por três homens num bar. Esse filme retrata, ainda que ficcionalmente, um caso verídico acontecido nos Estados Unidos da América em 1983. E lá estavam os braços culposos de D. Severina a aguçar e “perverter” os pensamentos de Inácio, através da introdução maliciosa do narrador.

Quando digo *maliciosa*, não estou julgando os pensamentos de Machado como um autor que apoiasse a misoginia, o machismo ou coisas afins. Ao contrário, penso que ele quisesse mexer, mesmo, com os alicerces morais da época, sendo ele um autor negro e que, por esse fato, também deveria sofrer algum tipo de preconceito.

Coisa interessante que notei, também, foi que, engenhosamente, o texto nos brinda com um *morde e assopra*. Dá a entender que o “Também a culpa era antes de D. Severina” (p. 79) do narrador, na verdade, parece ser o soar justificativo na mente de Inácio, como uma espécie de mea-culpa; um pedido de absolvição de seu erro. Seria, essa, a *mordida*. O *assoprar* vem logo a seguir, com a justificativa contextual do próprio narrador a relatar que ela não trazia seus braços à mostra “por faceira, senão porque já gastara todos os vestidos de mangas compridas”.

Muitas vezes, é somente o *morder* que se apresenta nas falas da sociedade, tanto daquela época quanto de hoje. O narrador faz questão de apontar o porquê daqueles braços tentadoramente desnudos. E a culpa, a bem da verdade, repousa no desleixo do quase-marido, dotador do lar, em deixar D. Severina sem trajés *adequados* àquela época; “nenhum adorno” [...] “nas orelhas, nada”. Sem contar, ainda, que esse *morde e assopra* é finalizado na última sentença desse parágrafo. Diz o narrador que ela contava “com vinte e sete anos *floridos e sólidos*” (grifo meu). O que dizer da solidez da flor?! Há de se convir que não combinam. Mas é assim que sua idade é descrita. Uma idade que comumente já contaria com certa quantidade de filhos (o florido), mas que ia passando sem expectativas de isso ocorrer (o sólido). Uma idade em que o casamento já estaria contando as bodas (o florido), mas que não havia sequer uma a ser celebrada (o sólido).

E em se tratando da forma como olhar e julgar esses casos, pesando contrariamente às mulheres, a Palavra de Deus, num dos Evangelhos traz uma situação deveras interessante de uma interpretação capenga da Lei de Deus. Trata-se de uma mulher que foi “apanhada em flagrante adultério” (*João* 8.4). E o que vem a seguir nessa narrativa mostra bem o que defendo. Os *homens* que levaram aquela *mulher* à presença do Mestre Jesus, que estava no meio de um de seus ensinamentos, apresentaram diante dele não somente o motivo acusatório, destacado acima – o flagrante adultério –, mas um direcionamento à sentença a ser proferida. E, para isso, evocaram a Lei de Moisés, um respaldo mais do que suficiente; uma regra vinda diretamente de Deus; afinal eles eram os “escribas e fariseus”, tidos como doutores da Lei. Afirmaram a Jesus que “na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas”. E, ainda, emendaram com uma pergunta: “tu, pois, que dizes?”.

O tipo de resposta e os desdobramentos que Jesus dá àqueles homens são algo de ser bem analisado: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”. Entretanto, penso que essa linha de questionamento se destina a outra esfera de pesquisa.

O que quero salientar, amparado no trecho do conto a que se destina essa parte, é a distorção entre o que se vê e o que se vive. O que se via eram os braços desnudos de D. Severina. O que se vivia, conforme dito pouco acima, não era um jeito faceiro da dona, mas um descaso do seu companheiro. Mas os julgamentos vêm, inicialmente, muito mais pelo que é visto. A mulher do texto bíblico, colocada *sozinha* no meio do lugar de culto a Deus, era o que se apresentava, era o que se via. No entanto, na dita Lei carregada naquele episódio, faltava-lhe um devido complemento, como pode ser lido na transcrição a seguir: “Se um homem adulterar com a mulher do seu próximo, será morto *o adúltero e a adúltera*” (*Levítico* 20.10) (grifo meu). Por onde andaria o homem que adulterara com aquela mulher? No conto, o solicitador Borges andava tranquilamente com seus braços desnudos ou não, sem qualquer tipo de escândalo ou censura. Provavelmente, apresentava-se sempre bem vestido, como um homem dado ao respeito. Ao contrário, D. Severina não era trazida às praças, às ruas, aos bailes... era trancafiada em casa, ainda que não impedida de sair. Podemos até dizer que era, literalmente, e somente, uma mulher de cama e mesa.

Um despiste, talvez, para atenuar os olhares famintos do menino-moço, era passar “os olhos pelos dois quadros da sala de jantar” (p. 79) para demorar-se ali o mais que podia. Pode até ser que enquanto os mirava, se eles estivessem à altura de seu real alvo, fosse isso um alibi em caso de um flagrante. Em um deles, o encantador São João; provavelmente, o Evangelista, o mais famoso entre os São Joões. Este, que, apesar de uma apresentação bíblica inicial sua ser bem truculenta, a ponto de ser chamado, junto com Tiago, seu irmão, de “Boanerges, que quer

dizer: filhos do trovão” (*Marcos 3.17*), teve o coração amolecido com o passar do tempo. Isso fez com que, posteriormente, escrevesse nas suas cartas, expressões como “filhinhos”, por exemplo. “Filhinhos, eu vos escrevo, porque os vossos pecados são perdoados, por causa do seu nome” (*1 João 2.12*). “[...] mas com o austero S. Pedro era demais” (p. 80). O primeiro, o próprio narrador apresenta como aquele “cuja *cabeça moça alegre* as imaginações católicas” (grifo meu). Bem possível ser uma imagem de um São João novo, imberbe. Já a figura barbada de São Pedro... seus olhos bem poderiam acusar o jovem nas suas peripécias.

Nesse mesmo viés do que os nomes carregam em si, fico a imaginar se esse, dado à mulher do conto, tenha sido desprezioso. *Severina*. Teria ele ligação com a *severidade* que o pecado ou situações ditas pecaminosas trazem, ou não?!

Trago esse pequeno ponto para fazer um cruzamento com o próprio nome do menino, que carregava, provavelmente, homenagem a um santo. Não um santo qualquer, mas Santo Inácio, Bispo de Antioquia. “Inácio converteu-se ao cristianismo [...] graças à pregação de São João Evangelista” – o santo de um dos quadros. E vale, ainda, ressaltar que ele foi sucessor do Bispo São Pedro – o santo do outro quadro (<https://santo.cancaonova.com/santo/santo-inacio-de-antioquia/>).

Situação interessante é o que o *site* ainda informa dizendo que “os seguidores da sua Igreja o definiam como um cristão “fogososo”, segundo a etimologia do seu nome”. Ignácio, de *ígneo*, “☐ ETIM lat. *ignèus, a, um* ‘ígneo, de fogo, inflamado, abrasado; ardente, cintilante; arrebatado” e “☐ ETIM lat.cien. *Ignatia*, do antr. santo *Inácio* (sI-II, prelado cristão, bispo na Antioquia), religioso que fez uso medicinal das sementes secas da noz-vômica” (Houaiss, 2009). Não que os seus discípulos trouxessem à baila o *fogososo* com a denotação que Houaiss aponta figuradamente, como aquele “que tem grande ardor sexual”, mas fogoso, ardoroso pelo Evangelho de Cristo. Igualmente, não o fogoso como o Apóstolo Paulo declina em sua primeira carta aos coríntios, no início do capítulo 7 (NAA), numa recomendação ao trato do desejo sexual entre o homem e a mulher. Ele começa introduzindo a relação entre marido e mulher para, então, falar aos solteiros e viúvas, conforme leremos a seguir em alguns versículos (3; 5; 8; 9):

**3** Que o marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, de igual modo, a esposa, ao seu marido.

**5** Não se privem um ao outro, a não ser talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para se dedicarem à oração. Depois, retomem a vida conjugal, para que Satanás não tente vocês por não terem domínio próprio.

**8** E aos solteiros e às viúvas, digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo.

9 Mas, se não conseguem se dominar, que se casem; *porque é melhor casar do que arder em desejos* (grifo meu).

É muito provável, entretanto, que o Machado provocador procurasse trazer no nome *Inácio* esse ardor sexualizado, ainda que não tão explicitamente no texto escrito. Fica implicitamente sugerido que Inácio era um jovem que vivia entre o tentar se dominar e o se ver vencido pela tentação de cobiçar a mulher alheia, ainda que esse desejo se mostrasse somente com olhares aos braços dela; uma afronta ao sétimo Mandamento – “Não adulterarás” – e ao décimo, onde se lê que “não cobiçarás a casa do teu próximo. *Não cobiçarás a mulher do teu próximo*, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo” (grifo meu). Um agravamento a isso ainda é o que Jesus ensina aos seus discípulos dizendo “ouvistes o que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela” (*Mateus 5.27-28*). O olhar ou o não olhar; o “ser, ou não ser” de Shakespeare em *Hamlet* (<https://poets.org/poem/hamlet-act-iii-scene-i-be-or-not-be>); o certo e o errado eram o tempero nos momentos de refeição na casa alheia em que o moço vivia.

Outra inquietação dúbia habitava na mente de Inácio. Ele fora tratado pelo solicitador, numa de suas bravatas, como “homem” (p. 80), não mais um menino ou um moço como era mostrado até então. O problema que pairava nos pensamentos deste era “confuso, vago, inquieto, [...] lhe doía e fazia bem, alguma coisa que deve sentir a planta, quando abotoa e primeira flor. *Tinha vontade de ir embora e de ficar*” (grifo meu).

A rotina era massacrante. Pouco tempo até então, mas “Borges não lhe dava intimidade na família [...]. Cinco semanas de solidão”. Os únicos momentos de conversa eram no “seu quarto, nos fundos da casa”, consigo mesmo, num solilóquio. As tomadas de decisão eram ali também. “– Deixe estar – pensou ele um dia – fujo daqui e não volto mais” (p. 81).

Mas a Palavra já diz que “o pecado tenazmente nos assedia” (*Hebreus 12.1*). Fala ainda sobre ele como um adversário que “anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (*1João 5.8*). E apesar de nesses dois trechos bíblicos a intenção ser de resistência ao pecado, o fato de sermos enamorados por ele também é descrito. E o narrador inicia o parágrafo seguinte à fala fugitiva de Inácio, descrevendo bem esse assédio, com um “Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos”. Parece-me que Machado tinha a Bíblia aberta, ao lado, enquanto escrevia alguns de seus contos.

Prossegue a falar da educação do jovem como algo que não o deixava à vontade para “encará-los logo abertamente”, mas aos poucos. Essa paisagem pitoresca fazia com que os desaforos fossem suportados “pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços”. Parecia ser como um remédio amargo, que ao final lhe fazia bem.

Inclusive, uma ideia muito difundida na sociedade e que vara as décadas, seja no meio eclesiástico católico romano, evangélico, ou de qualquer outra vertente religiosa, talvez chegando a transformar-se até mesmo em um dito popular, e porque não dizer de domínio público, é a famosa passagem bíblica que diz que “a carne é fraca” (*Mateus* 26.41; *Marcos* 14.38). Isso pode vir a advogar a favor de Inácio, nesse pensamento embutido na fala do povo, sabe-se lá desde quando! Em 2011, por exemplo, foi apresentada à coletânea do cancionário popular uma música do *Seu Jorge* (<https://www.youtube.com/watch?v=ENwJxGEIiDE>) – que cita esse trecho numa de suas estrofes:

Falei, ela não quis ouvir  
Pedi, ela não respeitou  
Eu juro, *a carne é fraca*  
Mas nunca rolou (grifo meu).

Interessante notar que no refrão dessa música temos uma repetição de “Não pego, eu pego, não pego, eu pego, não pego não”, que numa audição menos contextualizada, bem poderia ser entendido como *não peço, eu peço, não peço, eu peço [...]*. Isso se dá, talvez, pelo fato de a produção desses fonemas estar na mesma região de ponto de articulação: /k/ e /g/ (<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/fonologia-2-ponto-de-articulacao.htm>), o que também é parte de outra pesquisa.

Afinal, o menino foi-se deixando levar ou foi sendo levado ao sabor da fraqueza da carne, das vontades, dos desejos que todos sofremos. Entretanto, difícil encontrar uma passagem na Palavra de Deus que ignore a força que é dada a ser posta contra as armadilhas do pecado. E, igualmente, nos dois evangelhos citados acima, o foco é, justamente, falar da força do Espírito e não da fraqueza da carne. Tanto que ambos começam com um “vigiai e orai, para que não entreis em tentação”.

Mas a intenção do narrador pode ser bem essa, a de fazer-nos compreender, e até mesmo, acalantar os desejos fervilhantes do jovem *voyeur*. A de mostrar que todos experimentamos situações equivalentes; que não é um mero ato ficcional na vida de um personagem. Tanto o é assim, que torcemos – ou pelo menos, temos curiosidade – para que algo aconteça; coisas de mentes que vagueiam. E dada a idade do conto, ele aponta, ainda, que

as gerações vão passando e os comportamentos não vão ficando para trás. São postos em prática a cada nova leitura, como “ideias que são da família das moscas teimosas” (p. 81).

A provar que os modos de agir e pensar perpassam quaisquer idades, épocas ou gêneros, temos D. Severina posta a refletir sobre os acontecimentos à mesa do jantar. As “moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam”; *tenazmente* nos assediam.

Desconfiada de alguma coisa; talvez, aguçada a imaginar-se numa aventura em pensamento – afinal, o que teria de mais no somente pensar!? –, D. Severina “recapitulava o episódio” (p. 81). E, à maneira da dubiedade do menino, tecia também as suas tramas com alguns senões diferentes dos dele; algo de conclusão mais amadurecida; o narrador dirá de “uma complicação moral” (p. 82). Isso, porque, nos seus devaneios sobre a admiração de Inácio a si, “rejeitou a ideia logo, uma criança!”; para logo emendar: “Criança? Tinha quinze anos” e um rabisco de buço “entre o nariz e a boca do *rapaz*” (grifo meu). “Que admira que começasse a amar?” (p. 81).

E esses pensamentos imprecisos foram sendo desfiados pelo narrador ao longo de algumas linhas. Ele até chegou a marcar essa imprecisão na personagem dizendo que ela “não podia entender-se nem equilibrar-se” (p. 82). Contaria tudo ao solicitador para “que mandasse embora o fedelho” (p. 83). Mas não! Não havia nada de concreto de que acusá-lo. Sequer testemunha havia.

Diante desse caso, uma visita ao Antigo Testamento, na Lei bíblica que fala de acusações, depara com um trecho que vem elucidar que “uma só testemunha não se levantará contra alguém por qualquer [...] pecado [...]; pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato” (*Deuteronômio* 19.15). E Machado, a ser sabedor disso e encenando o bivolalismo da consciência, uma das tantas agudezas de seu narrar irônico, põe o narrador a pensar por D. Severina que “daí a pouco, refletindo que seria mau acusá-lo sem fundamento, admitiu que se iludisse, para o único fim de observá-lo melhor e averiguar bem a realidade das coisas”. Ah, *as moscas teimosas...* por mais que a gente as enxote, elas voltam; tal como fossem *moscas-pecado*. Bem que esse trecho dos pensamentos esvoaçantes de Inácio e D. Severina poderiam ter como pano de fundo um interlúdio musical de Nikolai Rimsky-Korsakov em ‘O Voo do Besouro’, como vemos numa interpretação de Katica Illényi – *Flight of the Bumblebee* (<https://www.youtube.com/watch?v=vtAu7xkwNjQ>). Um movimento musical que bem ilustraria esse voo incessante da *mosca-pecado* ao redor das cabeceiras de suas camas.

Aquela “complicação moral” dita há pouco, acima, faz D. Severina passiva de uma situação bem humana. Algumas complicações chegam ao coração das pessoas de uma maneira que não há como entendê-las, inicialmente, de forma racional. Quando o narrador diz que fora

“desfeita a impressão de assombro” com a qual ela flertava, o fator complicador moral que existiu só foi conhecido “pelos efeitos, não achando meio de discernir o que era” (p. 82). A esse não discernimento, tomamos como exemplo o salmista Davi, que, pelo visto até aqui, devia ser bem conhecido por Machado. Ele, o salmista, pede perdão a Deus por falta semelhante à que se vê em D. Severina. Diz ele: “Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas” (*Salmo 19.12*).

Mas, a partir do momento em que se conhecem os erros de conduta, que há o discernimento aos atos falhos, eles passam a ser manuseados, arquitetados pelas pessoas. Quem nunca teria passado por isso algum dia?! Com a personagem Severina não foi diferente. Ela “mirava por baixo dos olhos os gestos de Inácio” (p. 83). E dia a dia foi observando cada vez melhor; “otimamente” diz o narrador. E completa a dizer dela que “percebeu que sim, que era amada e temida, amor adolescente e virgem, retido pelos liames sociais e por um sentimento de inferioridade que o impedia de reconhecer-se a si mesmo” (p. 83). Bem poderia ela não entrar por esses vieses e seguir um conselho que a Bíblia diz constantemente sobre afastar-se do pecado; como bem parafraseou o Reformador Martinho Lutero ao dizer, sobre as tentações que nos chegam, que “não podemos impedir que os pássaros voem sobre as nossas cabeças, mas podemos impedir que eles façam ninhos sobre elas” (<https://www.pensador.com/frase/MjI5NjA4OQ/>).

Um pouco mais acima, na mesma página, o narrador busca dar um ar de seriedade a essa investigação de D. Severina. Para fundamentar uma possível delação, “admitiu que se iludisse, para o único fim de observá-lo melhor e averiguar bem a realidade das coisas”. É bem assim, nesse namoro com o que não se deve, que cito Raymundo Faoro (2001) ao dizer sobre uma questão de ascensão social, é verdade, mas que cabe bem aqui como ilustração, que “agora – o lado amargo da vitória – a ambição se mescla ao pecado” (p. 32).

E Machado pode ter colocado na ambição dessa personagem Severina uma busca por uma liberdade jamais experimentada por ela no seu amasiamento; uma lavra por um sentimento reprimido no seu íntimo. E o próprio Faoro no capítulo V de seu livro – *Os santos óleos da teologia* –, tratando do “demoníaco ao diabólico”, fala de um “amor ao próximo” que é inexistente, segundo o Diabo; ou, senão, que este amor é retido aos próprios interesses. “Não se devia dar ao próximo senão indiferença [...]”, diz. E não fora isso que D. Severina fez de início!? Mas, ao depois, cede aos seus próprios encantos, ainda não totalmente aflorados, ao observar Inácio. E Faoro ainda emenda que “o Diabo sabe que [...]”



a única hipótese em que ele permitia amor ao próximo era quando se tratasse de amor às damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achassem que uma tal aplicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: – cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: *é o que acontece aos adúlteros* (p. 442) (grifo meu).

Uma ressalva se faz necessária para trazer a lume o que dizem as Escrituras no tocante a esse amor ao próximo, distorcido pelo que lemos acima na fala do Diabo. É que o amor ali descrito não é o amor entre um homem e uma mulher, mas indistintamente afeito a qualquer gênero, conforme lemos no *Evangelho* segundo *Marcos 12, versículo 31* quando, na fala de Jesus, o evangelista registra que o maior dos mandamentos depois de se amar a Deus acima de todas as coisas é que se deve “amar o teu próximo como a ti mesmo”. E, por extensão, faço uma visita aos escritos do Apóstolo Paulo que em sua *1ª carta aos Coríntios*, no capítulo *13, versículo 5* escreve que esse amor bíblico *não procura os seus interesses*.

No entanto, podemos, realmente, notar que o interesse de D. Severina ia além de uma simples curiosidade acerca dos desejos do jovem Inácio. Seu íntimo já aparenta acalentar descobertas queridas por ela. Afinal, o tempo passava célere. Não era mais uma jovem assustada com os encantos de um casamento corretamente formal, como pode ser lido na *Epístola aos Hebreus, capítulo 13, versículo 4*, quando o escritor da carta diz que “digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula”. Ela já contava com os seus “vinte e sete anos floridos e sólidos” (p. 79) e com nenhuma expectativa de solidez matrimonial dentro dos padrões sociais. Se ela não era honrada pelo temível solicitador, por que manter a honra dele ilibada?!

Depois de muito passear pelos jeitos, trejeitos, pensamentos, considerações de D. Severina, o narrador ajusta o foco para as inquietações mais íntimas de Inácio. O menino-jovem também não se vê livre de perturbações. Ele não está mais somente envolto a brincadeiras de criança. Suas tramas são um pouco mais adiantadas do que abaixar-se no chão para divertir-se com alguns de seus amigos. Sua infância fora encurtada; coisa típica para a época.

Em suas andanças na rua, pensava em ir embora. “Chegava a casa e não se ia embora. Os braços de D. Severina fechavam-lhe um parênteses [...]” (p. 84). O tempo ia passando e ele fomentava “uma ideia original e profunda, inventada pelo céu unicamente para ele”.

Na narrativa, ao sentir do moço, D. Severina passa a tratá-lo de uma forma mais do que agradável. Benigna, assim lemos, “desde alguns dias”. Desfia-se uma série de cuidados típicos de atuação materna. Machado, pela voz narrativa, tem o cuidado de pontuar isso ao usar os substantivos “amiga” e “mãe”. O narrador ainda os coloca em uma oração que marca bem essa conotação, ao dizer que eram “conselhos, lembranças, cuidados de amiga e mãe [...]”.

Os cuidados, ao serem ofertados, geralmente, são para causar conforto. Nesse caso, o contrário para Inácio; são cuidados “que lhe lançaram na alma ainda maior inquietação e confusão”. Se se cobiçar a mulher alheia já era uma afronta religiosa gravíssima, a ponto de figurar nas temíveis Tábuas da Lei de Deus entregues a Moisés (*Êxodo 20.17*), que dirá cobiçar alguém que lhe faz um bem, como se mãe fosse! Inclusive, nas mesmas Tábuas há outra indicação de que se deveria “honrar [...] tua mãe” (*Êxodo 20.12*).

Mal sabia ele dos pormenores que rondavam esses quereres ambos e ocultos. Talvez, caso quisesse não se deixar envolver nesses encantamentos por sua parte, ele não poderia imaginar que um tímido e inocente sorriso à mesa poderia colocá-lo preso ainda mais. Rindo de um “caso engraçado” contado pelo solicitador, “a boca do mocinho” fora percebida pelo olhar contemplativo de D. Severina. “[...] graciosa estando calada, não o era menos quando ria” (p. 84).

Lembram-se das “moscas teimosas”? Pois elas fazem revoadas sobre a vida de Inácio. Tudo remete à D. Severina. “Acordava de noite, pensando em D. Severina”. As mulheres na rua faziam-no pensar nela. Distraía-se com tudo; e tudo o levava ao pensamento na mulher do solicitador.

“Mas, ao primeiro dia da semana, alta madrugada, foram ao túmulo [...]” (*Lucas 24.1*). O que dantes fora o *shabbat*, o sábado de descanso, dedicado a Deus pelos judeus, com a vinda de Jesus Cristo ao mundo, passa a ser o domingo, o *dominus dei*, o Dia do Senhor. O narrador abre um novo parágrafo acenando àquele dia definindo-o por ser “um domingo”. Não era um domingo qualquer; ele fecha dizendo ser “um domingo cristão” (p. 85).

Aos domingos eram muito comuns as idas à Igreja. Famílias inteiras seguiam pelas ruas das cidades, como um cortejo, muitas vezes com suas únicas melhores roupas. Muito provavelmente, essa rotina semanal não se aplica à amasiada D. Severina por motivos óbvios; e, talvez, por extensão, ao próprio solicitador e a Inácio por estar morando ali com eles. A narração do conto abre o outro parágrafo deixando isso bem claro ao dizer que “Inácio passava-os todos ali no quarto ou à janela [...]”.

#### 4. REALIDADE X SONHO

“Eram duas horas da tarde”, e o jovem, que não dormira bem à noite, “estava cansado [...] depois de haver andado muito na véspera”. Tomando de uns folhetos, “contos de outros tempos, comprados a tostão”, passou a lê-los. Deitado na rede a tentar descansar o corpo, o castigo mental não lhe dava trégua nem descanso. O narrador alfineta essa leitura dizendo que aquele Inácio-leitor “nunca pôde entender por que é que todas as heroínas dessas velhas histórias tinham a mesma cara e talhe de D. Severina, mas a verdade é que os tinham”.

A partir desse ponto, nos é trazida uma névoa sobre os acontecimentos; típica de uns casos machadianos. Capitu e Bentinho em *Dom Casmurro*, talvez, o mais clássico deles. Nesse caso de *Uns braços*, meia hora fora o suficiente para que isso ocorresse.

Após esses trinta minutos, ociosos por assim dizer, Inácio deixa cair o folheto que tinha nas mãos e mira a nudez da parede. Um olhar perdido, talvez, do conto que acabara de ler. O foco na parede poderia ter alguns significados. Trago duas possibilidades. Ou era para se esquecer do que o conto lhe fazia lembrar, ou para não deixar que um olhar irrequieto noutros cantos o fizesse esquecer da dona de suas inquietações. Particularmente, fico com esta última. E quando não se luta contra o erro, ele persiste em rondar a caminhada da pessoa. Ele se apresentará em todos os lugares; até mesmo numa parede insignificante. Uma Carta bíblica diz que se deve sujeitar a vida a Deus; quanto ao diabo, resistência; e este fugirá de você (*Tiago 4.7*). E em tudo que há recomendações é porque há dificuldades em jogo. Machado devia vivenciar algumas; e quem não as teria!? E, por acaso, por que seria diferente com um personagem de um conto?!

Houve cinco minutos entre o cair do folheto e o início de uns relatos de umas visões, minimamente estranhas. O narrador diz que após esse exíguo tempo Inácio viu *sair da parede* “a dama de seus cuidados. O natural era que se espantasse; mas não se espantou. [...] viu-a *desprender-se* de todo, parar, sorrir e andar para a rede” (grifo meu). Essa visão foi percebida ainda que as pálpebras do jovem sonhador estivessem cerradas. “Era ela mesma; eram os seus mesmos braços”, trança o narrador acerca do caso.

O Sermão do Monte (ou da Montanha) é uma passagem deveras conhecida nos Evangelhos. Trata-se de um compêndio do ensino de Jesus às pessoas. Pode ser que as pessoas do tempo de Machado e as de hoje até nem saibam, exatamente, do que tratam os detalhes dessa passagem das Escrituras; entretanto, é de notório saber pelo menos o título desse trecho. Difícil imaginar que Machado não conhecesse um tanto a mais do que somente o título.

E essa visão/sonho de Inácio bem que pode ter um resvalo numa parte desse ensino, conforme já aponte antes, noutra parte deste escrito. Nesse trecho, Jesus traça um paralelo entre a Antiga Lei (ou Antigo Testamento) e a que Ele ministrava. E Mateus, o Evangelista, assim registra: “Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela” (*Mateus 5.27,28*). Muitos dos nossos sonhos são oriundos das vivências dos nossos dias. E o que Inácio percebia nitidamente naquele momento não era fruto de seus pensamentos quando bem acordado?! Talvez fosse o retratar da coragem que lhe faltava na realidade, e que se tem nos sonhos. Os famosos braços que não eram encarados fixamente em momento algum por precaução, ali, no sonho, pareciam ser bem reais, bem próximos de seus olhos abertos nessa parte do sono.

A mistura de imaginação e realidade apresenta-se mais ainda quando abrimos a leitura do parágrafo seguinte. Nele se diz que era “certo, porém, que D. Severina, tanto não podia sair da parede, dado que houvesse ali porta ou rasgão, que estava justamente na sala da frente ouvindo os passos do solicitador que descia as escadas” (p. 85).

A saída de Borges e seu perder-se ao longe, na rua, foi plenamente observado por D. Severina à janela. Não poderia correr risco algum, é o que já podemos ler no seu comportamento. Uma premeditação de crime. E a que aparentava ser debutante nisso, nota-se que o nervosismo tomou-lhe as atitudes. “Parecia fora do natural, inquieta, quase maluca [...]” (p. 85). Andava de um lado a outro, sem rumo certo. Repetia alguns gestos, como que a buscar algo, sem, exatamente, saber o quê; algo que era inatingível fisicamente. Até que, por fim, encontrou um álibi para suas maquinações mentais. Precisava ir até o quarto do menino, dado que ele “comera pouco ao almoço e tinha o ar abatido, e advertiu que podia estar doente; podia ser até que estivesse muito mal” (p. 86).

Na Bíblia, um caso de premeditação de pecado, inclusive, nos é relatado sobre Davi, o segundo Rei de Israel. Ele, por ter se encantado por mulher alheia, tendo-a engravidado, ordena que um de seus soldados que, não por acaso, era marido da sua pretendida, fosse colocado à frente de uma batalha para que morresse. Então, quando o fato é consumado, viu o caminho livre para finalizar seu plano macabro: torná-la sua mulher legítima. Ao depois, como sua consciência não o acusava, Deus lhe envia um Mensageiro que lhe descobre as vergonhas. Decorrente disso, há severas consequências por seu ato inconsequente (*2 Samuel 11 – 2 Samuel 12.1-19*).

Na própria Escritura, também, lembro de algumas passagens que relatam que do Senhor Deus não há como esconder coisa alguma. Trago duas delas; uma do Antigo Testamento e outra do Novo. “Os olhos do Senhor estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons”

(*Provérbios 15.3*) e “Nada há encoberto que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido” (*Lucas 12.2*). Haveria a possibilidade de D. Severina ter isso em mente? Provavelmente não, embora a consciência do erro e do acerto, do justo e do injusto, do bem e do mal, normal e minimamente, estejam presentes em cada ser humano.

Uma imagem que notei e pinteí mentalmente foi a última oração que fecha o primeiro parágrafo da página 86 e que transcrevo: “A cabeça inclinava-se um pouco do lado da porta, deixando ver os olhos fechados, os cabelos revoltos e um grande ar de riso e de beatitude”. Essa cena trouxe-me à lembrança os anjos barrocos, com somente dois senões: os olhos fechados e o *grande* ar de riso. De resto, a cabeça inclinada, o sorriso e, principalmente, o ar de beatitude retratam um tanto algumas obras do Mestre Ataíde, exceto pelas cores vivas e vibrantes que suas obras tinham. Ataíde, junto com Aleijadinho, foi ícone do Barroco brasileiro na arte sacra (<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8486/manoel-da-costa-athaide>). O Barroco traz essa questão de “um tempo de infundáveis questionamentos sobre as visões teocêntricas e antropocêntricas” (<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-arte-barroca-na-pintura.htm>).

É isso que vejo misturado no quadro que D. Severina namorava ali, em pé, à porta. Assim como o próprio Machado, sua personagem bem possivelmente já adentrara as igrejas, pelo menos durante sua meninice. E as igrejas católicas daquele tempo e que resistem até hoje eram fartamente decoradas com peças barrocas. E ali, a uns poucos metros de sua satisfação silenciosamente íntima, a beatitude, a santidade do jovem menino repousava na rede. O antropocêntrico miscível ao teocêntrico. Nas igrejas, a arte exposta, mas intocável; num quarto de sua casa, a beleza juvenil na sua privacidade, porém a alguns passos do seu bel-prazer.

Mas esse ambiente beato é logo dissipado quando os óculos do narrador volta-se para a senhora observadora; para o seu íntimo. Dela, diz “bater-lhe o coração com veemência”, que “sonhara de noite com ele”, e que “desde madrugada que a figura do mocinho andava-lhe diante dos olhos como uma tentação diabólica” (p. 86). “[...] mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (*Tiago 4.7*). Mas, ainda que ela brigasse com a tentação, achava logo um jeito de driblá-la e deixá-la dentro de si, viva, pulsante, estimulante. Via na adolescência de Inácio “uma expressão mais acentuada, quase feminina, quase pueril. Uma criança! [...] mas, ao mesmo tempo que o achava criança, achava-lhe bonito, muito mais bonito que acordado, e uma dessas ideias corrigia ou corrompia a outra”. Talvez, por força de que quando ambos estavam acordados, não havia como ela mirá-lo tão longamente como fazia naquela hora. E por mais que uma ou outra coisa a quisesse demover de estar ali, conforme o narrador diz sobre “um ruído ao pé, na saleta do engomado” (p. 86) que a assustara, resolvia logo o caso para voltar a sua pertinaz

contemplação. Contemplação, como hão de ser observadas as obras sacras com seus ricos detalhes.

O que passamos a ler a seguir é um impulso do narrador a forçar em nós o que ele o faz, igualmente, quanto a um fortuito pensamento de D. Severina, e que transcrevo a seguir:

Que não possamos ver os sonhos uns dos outros! D. Severina ter-se-ia visto a si mesma na imaginação do rapaz; ter-se-ia visto diante da rede, risonha e parada; depois inclinar-se, pegar-lhe nas mãos, levá-las ao peito, cruzando ali os braços, os famosos braços. Inácio, namorado deles, ainda assim ouvia as palavras dela, que eram lindas, cálidas, principalmente novas – ou, pelo menos, pertenciam a algum idioma que ele não conhecia, posto que o entendesse. [...] E tornando, inclinava-se, pegava-lhe outra vez das mãos e cruzava ao peito os braços, até que, inclinando-se, ainda mais, muito mais, abrochou os lábios e deixou-lhe um beijo na boca (p. 87).

Realidade ou mera imaginação?! Jean-Jacques Rousseau tem uma frase interessante que diz que “o mundo da realidade tem seus limites. O mundo da imaginação não tem fronteiras.” (<https://www.pensador.com/frase/OTA4OTI1/>).

O misto desses sentimentos nos é apresentado, embora se tenha a nítida narração de que tudo fora realidade, a mais completa das verdades. O que passo a ler é um sonho de liberdade sendo colocado em prática. Por outro lado, a imaginação de um sonho que bem poderia tornar-se realidade. Um por parte de D. Severina; o outro por parte de Inácio.

Assim, abre-se o próximo parágrafo trazendo a imaginação que se confunde com a realidade, afirmando, porém, que realmente ocorrera a sequência de fatos que acabamos de ler. “A diferença é que a visão não recuou, e a pessoa real tão depressa cumprira o gesto, como fugiu até à porta, vexada e medrosa” (p. 87).

O caso de a visão se desconectar da realidade, de não recuar como fez esta, me chamou a atenção para o fato das consequências dos atos pecaminosos. O Apóstolo Paulo ao escrever a carta à Igreja em Roma, num trecho final de uma perícope, diz que “Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna; *porque o salário do pecado é a morte* [...]” (grifo meu) (*Romanos 6.22-23*). Ele ainda emenda, dizendo: “mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”. No entanto, o grifo que fiz logo acima é para enfatizar que, ainda que se deixe, de vez, de cometer algum ato de pecado, a consequência, *o salário*, dele permanece a ser ou não tratado, conforme a imagem que o narrador do conto nos apresenta: “[...] a visão não recuou [...]”. Mas, ao contrário, D. Severina, a pessoa real, fugidia e aturdida, passava pelos cômodos da casa, “sem olhar fixamente para nada”. Aos poucos, o medo foi passando; “o vexame”,

entretanto, “ficou e cresceu” (p. 88), como um justo salário recebido ou a recebê-lo, ainda um pouco mais, pelo que fez.

No entanto, o arrependimento estava ali. O narrador deixa isso bem claro ao ressaltar que “D. Severina não acabava de crer que fizesse aquilo [...]” (p. 88). Entretanto, como é típico de qualquer pessoa comum a premissa de se escusar de um ato faltoso, a narrativa aponta que, de alguma maneira, ela fizera isso. Diz que “parece que embrulhara os seus desejos na ideia de que era uma criança enamorada que ali estava, sem consciência nem imputação [...]”. Já trouxe esse versículo em uma página anterior, mas bem cabe aqui o final dele, quando o salmista diz: “Absolve-me das [faltas] que me são ocultas” (*Salmo 19.12*). E os termos “sem consciência nem imputação” não são remetidos a isso?!

Ainda outro ponto nesse trecho me chamou a atenção. Não é a primeira vez que o narrador coloca um invólucro a pontuar as idades dos dois. E digo ainda um pouco mais que não somente a idade, mas o papel social de ambos. Diz o narrador que D. Severina nutria a ideia de ser “meia (*sic*) mãe, meia (*sic*) amiga” (p. 88). Fato é que ela se inclinou e beijou o moço-menino. Teria sido, por um acaso, um beijo materno ou amigável!? Não vejo assim. A verdade é que ela, após o incidente causado, viu-se “confusa, irritada, aborrecida, mal consigo e mal com ele” (p. 88).

Voltando-se à realidade dos fatos, Inácio finalmente se vê *despertado*. O meu grifo com o termo é proposital. Inácio é apresentado à mesa do jantar bem feliz. “Sentou-se à mesa lépido” (p. 88). Não parece ter sido somente um despertar de sono, mas de sentimentos adormecidos. Ao contrário do que foi dito daquele domingo em que ele se viu cansado pela fadiga do dia anterior àquele, que o fizera dormir mal à noite (p. 85), o seu estado não era somente oriundo de um descanso proporcionado por um sono, e, sim, pelo despertar num sonho. Tanto o é que nem a rispidez habitual do solicitador Borges, nem a severidade restaurada de D. Severina “podiam dissipar-lhe a visão graciosa que ainda trazia consigo, ou amortecer-lhe a sensação do beijo” (p. 88). É, realmente, despertar-se de um sonho sem tê-lo deixado, exatamente.

E esse momento anestesiado de Inácio frente ao sonho que imaginava ter tido foi o suficiente para que algo muito notório passasse despercebido. Ele “não reparou que D. Severina tinha um xale que lhe cobria os braços” (p. 88). Só foi notar isso do dia seguinte em diante àquela inesquecível tarde-noite de domingo.

Assim que li sobre ela cobrir os braços com aquele xale me veio à mente o uso do véu na igreja; um costume antigo no meu tempo de menino, lá pela década de 1970. Além da minha mãe, era muitíssimo comum perceber outras mulheres na igreja em que íamos aos domingos, usando seus véus; sempre brancos ou pretos. Umas já saíam de suas casas com ele; e esse fato

não causava qualquer espanto aos transeuntes. Outras, só ao chegarem à porta da matriz da cidade é que meio que quase se ajoelhavam e os colocavam à cabeça, para, então, adentrarem a nave da igreja. Não sei, exatamente, se elas usavam por hábito (inclusive, *hábito* era um outro nome dado ao véu) cultural herdado ou se sabiam do por que usá-lo.

Somente bem mais tarde, compreendi que há mais do que um simples fator cultural de cópia sobre o uso do véu. Ele caracterizava a mulher. Era um uso teológico-doutrinário de milênios. E por ter esse lado teológico, o seu não uso tipificava negativamente a mulher. Entraremos em detalhes um pouco mais à frente. Somente para atualização, trago um artigo recente de julho de 2020 que aponta o porquê de eu usar o tempo pretérito, e não o presente, nos termos *caracterizava, era e tipificava*.

Durante 2000 anos, as mulheres católicas cobriam a cabeça com um véu antes de entrar na Igreja ou sempre que estavam na presença do Santíssimo Sacramento (por exemplo, durante visitas aos doentes com a Santa Eucaristia). O Código de Direito Canônico de 1917, no cânon 1262, obriga as mulheres a cobrir a cabeça <<especialmente quando se aproximam da mesa sagrada>>. Durante o Concílio Vaticano II, os jornalistas perguntaram ao então Padre Bugnini se as mulheres deveriam continuar cobrindo suas cabeças. Ele respondeu que este tópico não havia sido discutido. Os jornalistas assumiram sua resposta como um “não”, publicando essas informações errôneas em diferentes jornais do mundo. Desde então, a maioria das mulheres católicas abandonaram a tradição. Depois de muitos anos de rejeição do véu, especialmente pelas mulheres, o Vaticano, não querendo ser antagônico ou contrariar as feministas, simplesmente fingiu que a questão não existia. Além disso, quando o Código de Direito Canônico de 1983 foi composto, o uso do véu não foi mencionado diretamente (observe que ele não foi revogado, mas simplesmente não foi mencionado). De qualquer forma, os cânones 20 e 21 do Código de Direito Canônico de 1983 deixam claro que uma lei canônica posterior revoga uma lei canônica precedente somente quando o faz explicitamente e que, em caso de dúvida, a revogação da lei precedente não deve ser assumida. Portanto, de acordo com o Código de Direito Canônico e um costume imemorial, as mulheres têm a obrigação, ainda hoje, de cobrir a cabeça na presença do Santíssimo Sacramento. O uso do véu no cristianismo é extremamente importante e não é um assunto que diz respeito “apenas” ao Código de Direito Canônico, mas a dois milênios da Tradição da Igreja, estendendo-se ao Antigo Testamento e exortações no Novo Testamento. A esse respeito, São Paulo escreveu [...].

Com essa interrupção feita propositalmente, tomo do restante do que está dito no complemento desse recorte acima, justamente para, daqui, tecer minhas considerações. Tomei da introdução para contextualizar e balizar o que me chamou a atenção pelo uso do xale por D. Severina a cobrir-lhe os braços; os famosos braços.



O Apóstolo Paulo na sua primeira epístola escrita aos Coríntios escreve acerca do uso do véu pelas mulheres cristãs. O contexto ali era baseado na Lei do Antigo Testamento com ampla aplicação naquele contexto específico.

Corinto vivia uma situação bem instável com relação a sua política de governo. Era uma cidade disputada por diversos povos. Originalmente, era da Grécia antiga. Posteriormente, cerca de um século e meio A.C., e estendendo-se no primeiro D.C., passou aos domínios de Roma; período que delimita este trabalho. Era a capital da Grécia romana. A título de curiosidade, somente em 1822, com a independência da Grécia é que politicamente a cidade é conhecida como o é hoje (<https://www.infoescola.com/grecia-antiga/corinto/>).

A cidade de Corinto era um importante centro portuário e, sob o domínio romano, recebia inúmeros povos que traziam consigo suas culturas através do porto da cidade. Não é difícil de se imaginar também que a prostituição era uma parte cultural que envolvia, predominantemente, as cidades costeiras. E é justamente sobre esse fato que o Apóstolo escreve suas ponderações.

A Bíblia de Estudo da Reforma traz um comentário interessante acerca daquela época. Diz que

na cultura romana, tanto homens quanto mulheres expressavam seu status, incluindo sua situação conjugal, por meio de sua aparência. Ter a cabeça coberta basicamente significava ter um xale envolto sobre a cabeça, o que indicava que a mulher era casada e desejava permanecer naquela situação. Algumas mulheres romanas, contudo, procuravam viver como mulheres que não tinham a intenção de permanecer fiéis aos seus maridos. Mulheres que tinham suas cabeças descobertas, de maneira provocativa, atraíam a atenção para si mesmas sinalizando que estavam disponíveis para outros homens. Em nome da “liberdade do evangelho” e dos “direitos”, esse pensamento e comportamento começaram a influenciar alguns cristãos em Corinto. A instrução de Paulo, como nos caps. 8-10, lembra aos coríntios que as suas atitudes sempre comunicam algo para as outras pessoas. Eles devem evitar comportamentos que comuniquem algo contrário à vida cristã (p. 1944).

Então, o que São Paulo queria orientar aos cristãos de Corinto era que se mostrassem cristãos, inclusive nos seus trajes. E, especificamente para o caso do conto de Machado, trago uma passagem do escrito do Apóstolo no que diz respeito às mulheres. Escreve que “toda mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça” [...] (*1Coríntios 11.5*). E ainda completa no versículo seguinte a dizer que se a mulher não usasse o véu, que raspasse a cabeça; mas que se fosse vergonhoso a ela o raspar-se “cumpre-lhe usar o véu”.

E o uso do xale por D. Severina a partir daquela segunda-feira não era como que a dizer de sua situação civil, ainda que não fosse realmente casada?! Não queria dar azo a Inácio de forma a fazer com que ele, olhando para seus braços, fantasiasse com eles e com ela. Queria mostrar-se como uma mulher de véu nos tempos de Corinto. Machado, talvez, tenha posto o xale a simbolizar o véu que não era permitido legalmente à D. Severina, pelo fato de viver amasiada. Entretanto, o cobrir-se já era suficiente.

Outra possibilidade, também, é que a angustiada D. Severina o estivesse usando como uma forma de penitência pelo ato que cometera na tarde daquele domingo. Não era uma sinalização tão somente ao menino, mas a ela própria, igualmente. E o que é penitência senão o arrependimento por um pecado cometido contra os mandamentos divinos?

E esse simbolismo, seja por marcar a aparência casta ou por constrangimento penitente, perdurou ao longo da semana, nos diz o narrador; da segunda ao sábado. O sábado, inclusive, foi o dia fatídico. O dia do juízo final.

O narrador tão célere conclui o conto deixando uma atmosfera de incertezas a serem desenvolvidas na imaginação pelos leitores. Não é dito que houve qualquer confissão de pecados. Borges somente pronuncia o que parece ser uma espécie de indulgência seguida de uma penitência a ser cumprida por Inácio. O solicitador manda dizer ao pai que não poderia ficar mais com ele e o despede, sem zangas, sem desaforos.

Querendo, ainda, quebrar o que parecia ser a sua *cruz*, Inácio pergunta por D. Severina; queria apreciá-la por um tanto, posto que fosse pouco. “– Está lá para o quarto, com muita dor de cabeça” (p. 88). E ele sai sem entender bem a situação. Pensando no que poderia ter acontecido, supõe “de sua parte algum olhar indiscreto, alguma distração que a ofendera; não era outra coisa; e daqui a cara fechada e o xale que cobria os braços tão bonitos...” (p. 89).

Por fim, chega à conclusão de que nada importava. E ao longo dos anos, passando por outros amores mais maduros e duradouros, jamais se esquecera daquele sonho de quando tinha seus quinze anos, na Rua da Lapa. Aquiescer que aquele sentimento ou sensação perdurasse ao longo dos anos era deixar que o ato de desejar os braços de D. Severina, mulher de outro homem, nutrisse um estado pecaminoso na mente de Inácio, ainda que ele exclamasse “às vezes, sem saber que se engana: – E foi um sonho! Um simples sonho!”(p. 89).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realidade crua deste Na realidade crua deste trabalho, começo por situar o conto num contexto de grande cultura religiosa na cidade do Rio de Janeiro, conhecida por ser de São Sebastião. Convido aos leitores a passarem pela cultura da época de Machado, mas também a alinhavo com situações bem atuais. Dessa maneira, aponto como a obra de Machado de Assis é atemporal.

Procuro mostrar as faces da teologia doutrinária do pecado na vida dos personagens, traçando um paralelo com o que se tem hoje. Trago doses de porções da Bíblia para embasar as questões apontadas por mim.

Nesse liame é apresentado o menino Inácio. Esse menino passará por diversas alterações no modo de ser enxergado pelos personagens. Às vezes, explicitamente, outras, o contrário, aparece como um menino, às vezes, moço, outras vezes, até mais do que isso. Saliento também os significados dos nomes dos personagens, como uma suposta intenção de Machado a chamá-los como os chama. Procuro, inclusive, separar o Machado autor do narrador do conto para que fique clara a isenção de um na atuação do outro.

Na primeira parte do desenvolvimento deste trabalho, apresento o ambiente em que os personagens estão inseridos. Esse, praticamente, resume-se à casa do solicitador Borges e de D. Severina. A crueza do lugar é feita de palavrórios de Borges a vociferar cada vez que abre a boca. O silêncio de D. Severina é o mesmo de Inácio. Acuados por motivos não iguais, os dois são postos lado a lado. E o menino passa a viajar nos lindos braços da mulher do solicitador.

A partir daí, o narrador ajusta o foco de sua fala para o interior dos personagens. Iniciamos, então, o segundo capítulo. Mergulho nos sonhos íntimos de Inácio e de D. Severina. Estes, que pouco, ou quase nada, falam têm suas intimidades de pensamentos expostas pela narrativa. Não é pelo silêncio deles que comparações com o mundo exterior passariam despercebidas. É como imaginar que muitas vezes o silenciar da voz guarda, ou mesmo expõe, ainda que intimamente ou através de gestos e olhares, falas tolhidas ou sufocadas. E o narrador faz muito bem o seu papel de incluir os leitores no profundo dos personagens.

Já no último trecho, escrevo do novo cenário apresentado. Mostro que o cenário é o mesmo do início. Somente há uma grande diferença que é a ausência de Borges, o solicitador. Basicamente, resume-se à intensidade de uma tarde de domingo. Mais uma vez, sem falas audíveis; leem-se os pensamentos, gestos, atitudes tomadas e não tomadas. São as realidades *versus* os sonhos. O que se passa pelo concreto de um envolve-se com o abstrato de outro. Essa

deliciosa mistura alonga-se pela última semana do conto. Narração de poucas palavras, porém não menos intrigante e intensa, deixando aquela atmosfera inquietante que Machado de Assis é mestre em criar.

E, como dito no início deste trabalho, nunca foi intenção minha esgotar o tanto que ainda se pode pensar, meditar e escrever sobre esse conto. E digo que caso eu tivesse essa intenção, outra pessoa faria com que eu me enxergasse totalmente equivocado. Dessa maneira, encerro este pequeno escrito de forma a tentar, minimamente, contribuir com a cultura deste nosso país tão necessitada de fomentos.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE ESTUDO NAA. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CONCEIÇÃO Douglas Rodrigues da. Aspectos religiosos na literatura de Machado de Assis. *Plural Pluriel. Revue des cultures de langue portugaise*, 2016. Disponível em: <https://www.pluralpluriel.org/index.php/revue/article/view/53> acessado em 27.07.2022 – 16h55min.

FAORO, Raymundo, 1925 – Machado de Assis : a pirâmide e o trapézio / Raymundo Faoro. – 4.<sup>a</sup> ed. rev. – São Paulo : Globo, 2001.

HOUAISS, Antônio (1915-1999) e Villar, Mauro de Salles (1939- ). Dicionário Houaiss da Língua portuguesa / Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Lx, 1.986 p.; 21x27,5cm.

<https://www.youtube.com/watch?v=WhPDqMwbpso>

acessado em 04.09.2023 – 16h40min.

<https://www.youtube.com/watch?v=jsB--twZgng>

acessado em 01.09.2022 - 11h

[https://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p2s2cap1\\_1210-1419\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p2s2cap1_1210-1419_po.html)

acessado em 11.08.2022 - 12h

<https://www.youtube.com/watch?v=OTjh8rnNfbk>

acessado em 17.08.2022 - 16h

<https://www.a12.com/radio/noticias/por-que-as-pessoas-amasiadas-nao-podem-comungar>

acessado em 07.06.2022 – 15h

[https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Accused\\_\(1988\\_film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Accused_(1988_film))

acessado em 02.09.2022 – 12h

<https://santo.cancaonova.com/santo/santo-inacio-de-antioquia/>

acessado em 09.01.2023 – 12h25min.

<https://www.youtube.com/watch?v=ENwJxGElIDE>

acessado em 13.01.2023 – 10h15min.

<https://www.youtube.com/watch?v=vtAu7xkwNjQ>

acessado em 13.01.2023 – 13h

<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/borges/#:~:text=Borges%3A%20Significa%20%22a%20torre%22,Borja%2C%20na%20regi%C3%A3o%20da%20Sarago%C3%A7a.>

acessado em 06.03.2023 – 16h15min.

<https://poets.org/poem/hamlet-act-iii-scene-i-be-or-not-be>

acessado em 14.03.2023 – 15h30min.

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/fonologia-2-ponto-de-articulacao.htm>

acessado em 14.03.2023 – 16h.

<https://www.pensador.com/frase/MjI5NjA4OQ/>

acessado em 03.04.2023 – 16h20min.

<https://www.pensador.com/frase/OTA4OTI1/>

acessado em 17.07.2023 – 14h17min.

<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-arte-barroca-na-pintura.htm>

acessado em 16.06.2023 – 16h45min.

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8486/manoel-da-costa-athaide>

acessado em 16.06.2023 – 16h48min.

<https://www.fsspx.com.br/o-uso-do-veu-na-igreja/>

acessado em 19.06.2023 – 16h45min.

<https://www.infoescola.com/grecia-antiga/corinto/>

acessado em 25.07.2023 – 15h40min.